

PROJETO RUAS: UMA ANÁLISE DAS MUDANÇAS URBANÍSTICAS NAS PRAÇAS DA REGIÃO CENTRAL DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS-SP

Filipe de Souza Queiroz, Gabriel Henrique dos Santos Ferreira, Orientadora:
Prof^a Dra. Maria Aparecida Papali.

Universidade do Vale do Paraíba/Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento, Avenida Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - 12244-000 - São José dos Campos-SP, Brasil, fi2812@outlook.com, bielhenrique.sjk@gmail.com, papali@univap.br.

Resumo

O presente artigo busca analisar as mudanças urbanísticas da Região Central do município de São José dos Campos ao longo da história, sendo analisadas, especialmente, duas praças: Praça Padre João Guimarães e a Praça Afonso Pena. Optou-se por um recorte histórico entre a década de 1920 a 1980, tendo em vista o crescimento e as mudanças da cidade nesse período. Metodologicamente, a atual pesquisa foi realizada com base nas descrições do “Projeto Ruas” do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos, possuindo como embasamento teórico diversos autores que contam a história destes espaços urbanos, o objetivo do estudo é colocar em destaque as mudanças da paisagem do centro tradicional de São José, além das mudanças das funções que foram presentes naquele espaço de acordo com os períodos históricos.

Palavras-chave: São José dos Campos, Praças, Espaço Urbano, Imagens, Funcionalidades
Área do Conhecimento: Ciências Humanas, História

Introdução

Ao detalhar uma definição sobre o espaço urbano, Françoise Choay (1979, p. 9) afirmou que ele será “traçado conforme uma análise das funções humanas”, classificando-o em locais distintos como lugares de habitat, trabalho, cultura e lazer. Nossa pesquisa terá como base conceitual as premissas sobre espaço urbano desenvolvidas por Françoise Choay.

Peter Burke (2004, p. 175), ao defender e retratar que as imagens constituem uma forma muito importante de evidência histórica, afirma que: “as imagens têm evidência a oferecer sobre a organização e o cenário de acontecimentos grandes e pequenos”. Diante do exposto, será possível utilizar as imagens e fotografias como uma importante fonte histórica para compreender diversos acontecimentos no nosso cotidiano. Nesse sentido, utilizaremos imagens para compreender as mudanças urbanas de São José dos Campos durante grande parte do século XX.

Visto essa relação entre o conceito de espaço urbano e o uso de imagens como fontes históricas, podemos começar a tratar de um contexto regionalizado, abordando sobre o município de São José dos Campos, no estado de São Paulo. O espaço urbano do município será modificado conforme o passar dos anos devido ao seu processo de urbanização, a cidade-sanatório se tornará, a partir da década de 1940, em um complexo tecnológico-industrial-aeronáutico. (Souza, Costa, 2010, p. 100)

A partir do “Projeto Ruas”, do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos, que tem por objetivo conhecer a história das ruas e avenidas do município e tratando-as como uma fonte histórica em potencial para compreender a história urbana, este artigo terá como objetivo principal retratar as funções e as principais mudanças urbanísticas de duas das principais praças localizadas no Centro de São José dos Campos, a Praça Padre João e a Praça Afonso Pena.

Metodologia

Como metodologia, foi trabalhada uma análise qualitativa acerca de duas praças históricas do Centro de São José dos Campos, escolhidas devido a sua importância histórica e tradicional que possuem para a história municipal. Para o melhor embasamento teórico, foram utilizadas revisões bibliográficas de historiadores e memorialistas acerca da história urbana de São José dos Campos, além de fotografias e imagens para ilustrar, na prática, essas alterações.

Discussão

A primeira das duas praças que serão abordadas nesta pesquisa será a Praça Padre João Guimarães, uma das mais importantes de toda a história do município.

Reconhecida como o marco zero do município de São José dos Campos, a Praça Padre João Guimarães foi um dos principais ambientes onde a história da cidade se desenvolveu. O local, também conhecido como Largo da Matriz, no qual foi instalada a Igreja Matriz do município, polarizando a formação do primeiro núcleo urbano da Aldeia, que se transformaria em vila mais de um século depois, no ano de 1767. Frente a um desenvolvimento populacional e econômico, a Vila de São José cresceu e se desenvolveu em torno da Igreja Matriz (Nunes, 2018, p. 40) o que fez com que a praça se tornasse uma testemunha da transformação urbanística e paisagística de São José.

Confirmando a discussão, o croqui urbanístico desenhado por Pallière (1821), demonstra a forma com que a Vila de São José do Parayba se concentrava em torno da Igreja Matriz e ao seu largo, como demonstrado na figura 1.

Figura 1: Croqui urbanístico da vila de São José por Arnaud Julien Pallière (1821).



Fonte: Pró-Memória São José dos Campos.

Avançando no tempo, entrando na década de 1910, o Largo da Matriz não era apenas uma passagem, era o centro principal da cidade, o ponto de concentração de uma sociedade que se desenvolvia. Os arredores da praça possuíam entre as suas características a presença do setor residencial. As principais famílias da cidade moravam nas imediações do Largo, além da Casa do Padre, as moradias de coronéis, fazendeiros e de famílias tradicionais se localizavam em torno da Igreja Matriz e sua praça (Siqueira, 1991, p. 151-152).

Além das moradias, o comércio tradicional do período era concentrado em torno do Largo, que abrigava armazéns, hotéis e farmácias. Comércio como: a Casa Confiança, conhecida pelas vendas de roupas, chapéus e calçados; ao lado direito da Igreja Matriz, a loja de armazéns do Sr. Teixeira; perto da Rua Direita, o Hotel Batista, do Coronel Antônio Batista; do outro lado da Rua Direita, a conhecida Farmácia São José (Siqueira, 1991, p. 152).

Na década de 1930, o destaque comercial da Praça da Matriz foi o Hotel San Remo. O hotel era administrado pela família Cesaroni e foi construído por Pedro Rachid, neste mesmo local existiu o casarão do Cel. Donato Ferraz de Araújo Mascarenhas, e depois o antigo prédio do Grupo Escolar Olímpio Catão. (Fonseca, 1989).

A Praça da Matriz foi por muitos anos um local vazio, em que a estrutura se limitava apenas em pequenos jardins e baixas árvores. Somente com a elevação de São José a condição de Vila, em 1767, que ao centro do largo foi construído um simples chafariz, mas que não funcionava, por problemas de distribuição de água (Nunes, 2018, p. 41). Sem ainda algo centralizado na praça, a prefeitura municipal instalou um sanitário masculino em frente à principal igreja da cidade, o chamado mictório foi considerado polêmico pela população, algo visto como anti-higiênico para uma cidade que se tornava um polo sanatorial (Siqueira, 1991, p. 153).

As polêmicas em torno do mictório público fizeram com que a praça abrigasse em seu centro um coreto, onde as principais bandas da cidade apresentavam suas músicas, mas sem reunir muitas pessoas, já que o coreto do Jardim da Preguiça, era mais conhecido e aceito pela população, o que fez com que, futuramente, o coreto do Largo da Matriz fosse demolido.

Figura 2: A antiga Igreja Matriz de São José dos Campos e o coreto do Largo da Matriz em 1922.



Fonte: Monteiro (1922).

O Largo da Matriz possuía como característica as árvores em seu redor. Em seus relatos, o memorialista Jairo César de Siqueira (1991) aponta:

O Largo da Matriz era pelado e espaçoso. Havia nos três lados que o limitavam às ruas fileiras de magnólias em fase de crescimento e, na linha correspondente à rua do Mercado, havia um grupo de carvalhos europeus. O centro do Largo era totalmente nu (Siqueira, 1991, p. 153).

Além disso, o Largo da Matriz era cortado em linha diagonal por um caminho de carros de bois, que ligavam a descida para o bairro de Santana, a Rua do Mercado. Esta linha era o principal caminho de tropas da zona rural ao matadouro municipal (Siqueira, 1991, p. 154).

Figura 3: Carros de bois na Praça João Pessoa, década de 1930.



Fonte: Chuster (2011).

Apesar dos belos jardins, das residências e do diversificado comércio, o grande destaque do Largo da Matriz sempre foi a Igreja Matriz. Considerada grande para a pequena cidade em desenvolvimento, a igreja antiga foi construída em 1870, após a queda de uma igreja menor. Ela possuía uma baixa torre, em sua entrada largos degraus e em sua parte interna uma ampla nave e altares ornamentados com flores (Siqueira, 1991, p. 153).

A grande transformação da paisagem do Largo da Matriz foi a reconstrução da Igreja Matriz, indicada pela diocese e pelo poder público como necessária para demonstrar o desenvolvimento da cidade. Após a demolição do antigo templo, a nova Igreja Matriz foi construída em 1934. Contudo, observa-se no Correio Joseense uma insatisfação pelas mudanças urbanísticas na praça:

De começo, devemos declarar com toda franqueza que não somos infensos á essa iniciativa do acatado prelado diocesano, no entanto, somos obrigados a discordar de S. Ex. Revdma, enquanto não se cuidar da reforma da nossa velha Matriz, o que traduz uma aspiração e um anseio de todos os catholicos de São José dos Campos, ciosos na conservação desse gaudiozo attestado de fé e de piedade dos nossos avoengos e das successivas gerações que se vem succedendo até os nossos dias, nessa reliquia da cidade, cujos muros foram levantados nos tempos coloniaes e que constitue uma verdadeira tradição que deve ser conservada (...). (*Correio Joseense*, junho de 1927, nº 284).

Figura 4: Cartão Postal com a Igreja Matriz, década de 1940.



Fonte: Acervo pessoal de Nemésio Flávio Queiroz.

Alinhada às atividades da Igreja Matriz, o largo era o centro das principais festividades religiosas da cidade, como por exemplo na semana santa e quermesses. Nesses momentos era possível encontrar na Praça da Matriz barracas de comida e jogos, procissões e leilões beneficentes que serviam para auxiliar os gastos da paróquia. Outro tipo de festa frequente no cotidiano da antiga Praça João Pessoa eram as comemorações do Carnaval, constituindo-se a praça como principal centro das comemorações (Siqueira, 1991, p. 154).

Embora sempre tenha sido conhecida por Largo ou Praça da Matriz, esse local já teve diversos nomes. Durante o século XIX o nome era Praça 19 de Março, uma homenagem à data de falecimento do santo padroeiro da cidade, São José. Entrando no século XX, em 1902, a praça possuía o nome de Bento Bueno, que foi Secretário do Interior do Estado. Contudo, anos depois, a praça teve o nome alterado para Praça João Pessoa, uma homenagem ao candidato a vice-presidente nas eleições de 1930 (Nunes, 2018, p. 42).

Apesar dessas alterações, desde o ano de 1993, a praça é chamada oficialmente como Praça Padre João Guimarães. O Padre conhecido por obras como a Casa dos Meninos e a Casa das Meninas, foi ordenado padre em 1933, chegando em São José dos Campos 11 anos depois, criou obras assistenciais e foi um dos mais conhecidos párocos da cidade, também fazendo parte da história do Largo da Matriz. (Nunes, 2018, p. 42)

Em finais do século XX, a Praça da Matriz se identifica com apenas uma função, ligada à presença do Terminal Central na Praça dos Expedicionários. O largo se transformou em um local de passagem, sendo marcado pela presença de pessoas que se deslocam para seus trabalhos, suas casas. Perdendo sua função de lazer, diminuindo seu caráter religioso, e entrando dentro da rotina de uma sociedade em transformação.

Figura 5: Vista aérea da Praça João Pessoa (atual Praça Padre João), década de 1960.



Fonte: Acervo pessoal de Nemésio Flávio Queiroz.

A Praça Afonso Pena se tornou um outro local de importância para o desenvolvimento de São José dos Campos. A praça teve como nome oficial “23 de Novembro”, que era a data de elevação de Floriano Peixoto como presidente, corroborando com os ideais republicanos que permeavam o cenário joseense no início da República. Seu nome foi alterado para Praça Afonso Pena em 1909 visando homenagear o ex-presidente da República. A localidade também era conhecida informalmente como Largo da Cadeia,

por abrigar a Cadeia Municipal e como Largo São Benedito, por estar nas proximidades da Igreja de São Benedito. (Nunes, 2018, p. 33)

Por estar localizada logo na frente da Igreja de São Benedito, diversas festas populares como as congadas e os moçambiques eram realizadas na praça, além das procissões que percorriam as proximidades da praça. (Agê Júnior, 1978, p. 102)

Não recebendo a atenção necessária da municipalidade, a praça Afonso Pena era um quadrilátero descampado localizado no coração da cidade antes da década de 1950. Era ponto de parada de carroças e charretes e acomodava circos e comemorações populares, sendo um dos raros lugares de entretenimento de São José dos Campos no mesmo período. Mesmo recebendo iluminação elétrica em 1919, houve relatos de que a praça ainda continuava escura. (Machado, 2008, p. 166; Carneiro, 2008, p. 33)

Figura 6: Praça Afonso Pena na década de 1940, ao fundo, a Igreja de São Benedito



Fonte: Chuster (2011)

A Praça Afonso Pena recebeu um novo ajardinamento na década de 1950, realizado pelo arquiteto Gregório Gurevich, com plantas oriundas do Horto Florestal de Campos do Jordão e da Mata Atlântica. A cidade então, ganhava seus ares modernistas e que qualificavam o local como praça de “cidade civilizada”. (*opus cit*, p. 34)

A partir deste novo ajardinamento, a praça começou a receber as devidas atenções da Prefeitura Municipal, como uma nova iluminação em 1959 e um novo plano para preservação e valorização de praças já na década de 1960. A Praça Afonso Pena, neste momento, se fixou como um local de lazer para os joseenses, mas atraiu alguns problemas, o comportamento de alguns joseenses fizeram com que a praça fosse fechada às dez horas da noite. (Machado, 2008, pp. 166-167):

A instalação de um anfiteatro na praça, nomeado carinhosamente como “Pinicão” (devido aos banheiros se localizarem embaixo do espaço) pelos munícipes na década de 1970, fez com que os cidadãos de classes mais populares da sociedade pudessem frequentar o ambiente com maior assiduidade, observando nas apresentações que ocorriam no espaço uma espécie de entretenimento e representatividade de uma cultura popular. (*opus cit*, p. 167)

Figura 7: Capoeira no anfiteatro da Praça Afonso Pena



Fonte: Museu de Esportes

Nesse cenário, a Praça Afonso Pena poderá ser classificada como um espaço urbano relacionado ao lazer. As atividades históricas que ocorreram na praça influenciam para que essa funcionalidade seja a principal do espaço durante a sua história. A praça se tornou um espaço de lazer, contemplação e cultura em um período específico. Nos dias atuais, a Praça Afonso Pena não tem mais um anfiteatro, servindo também, assim como a Praça Padre João, como um espaço de passagem de trabalhadores devido a quantidade de pontos de ônibus localizados na praça.

Figura 8: Praça Afonso Pena na década de 1960



Fonte: Resgatando São José dos Campos (2021)

Conclusão

É notório que, com o passar dos anos e a evolução das cidades, o espaço urbano será frequentemente alterado a fim de comportar as necessidades de uma população. Neste sentido, a mudança do espaço urbano ocorrido na Praça Padre João Guimarães e na Praça Afonso Pena destaca a alteração das suas funcionalidades, como visto nesta pesquisa.

Pode-se afirmar que a Praça Padre João Guimarães fez parte da história de São José dos Campos desde seu início, abrigou o princípio urbano da cidade, possuiu funções comerciais, de lazer, religiosas, e hoje faz parte da vida de uma sociedade agitada, alinhada a rotina e sendo vista atualmente como um local de passagem.

A Praça Afonso Pena, no entanto, teve por muitos anos uma função de maior lazer e contemplação na zona central de São José dos Campos. Mesmo tendo sido ignorada pela municipalidade por um grande período na década de 1950, ainda era utilizada como espaço para festas religiosas. Após o seu primeiro grande ajardinamento, a praça começou a receber uma atenção maior, ficando marcada como um grande espaço de lazer no final do século XX.

Referências

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular: história e imagem**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARNEIRO, Fausto. Orlando Campos. In: QUEIROZ, Alberto Vasconcellos (org). **Com a palavra, o prefeito**. São José dos Campos, SP: Prefeitura Municipal de São José dos Campos, 2008, pp. 29-40.

CHOAY, Françoise. **O urbanismo**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.

FONSECA, Omar. **São José dos Campos**. São José dos Campos, SP: Fundação Valeparaibana de Ensino, 1989.

MACHADO, João Rodolfo Nunes. São José dos Campos: uma cidade a ser lida. In: ZANETTI, Valéria. (org.). **São José dos Campos História & Cidade: Os campos da cidade: São José revisitada**. São José dos Campos, SP: Univap, 2008.

NUNES, Guilherme Augusto Escobar. **História e Cotidiano: Estudo da Cidade de São José dos Campos/SP por meio da Toponímia**. Trabalho de Graduação (Graduação em História) - Faculdade de Educação e Artes, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, 2018.

SIQUEIRA, Jairo César de. **Nossa Cidade de São José dos Campos**. São José dos Campos, SP: Fundação Cultural Cassiano Ricardo, 1991.

SOUZA, Adriane Aparecida Moreira de; COSTA, Wanderley Messias da. Atividades industriais no interior do estado de São Paulo: uma análise da formação do complexo tecnológico-industrial-aeroespacial de São José dos Campos. In: COSTA, Sandra Maria Fonseca da; MELLO, Leonardo Freire de (org.). **São José dos Campos História & Cidade: Crescimento Urbano e Industrialização em São José dos Campos**. São José dos Campos, SP: Univap, 2010.